

ARTE POÉTICA

Escrever um poema
é como apanhar um peixe
com as mãos
nunca pesquei assim um peixe
mas posso falar assim
sei que nem tudo o que vem às mãos
é peixe
o peixe debate-se
tenta escapar-se
escapa-se
eu persisto
luto corpo a corpo
com o peixe
ou morremos os dois
ou nos salvamos os dois
tenho de estar atenta
tenho medo de não chegar ao fim
é uma questão de vida ou de morte
quando chego ao fim
descubro que precisei de apanhar o peixe
para me livrar do peixe
livro-me do peixe com o alívio
que não sei dizer

OS PEIXES BRANCOS

Um dos grandes temas da actualidade
é sem dúvida esta panela de esmalte
cheia de peixes brancos como panos
a cozer ao lume perguntar-me-ão
mas o que é que lhe aconteceu com os peixes brancos?
e eu perguntar-vos-ei
o que é acontecer?
esses peixes brancos aconteceram-me
eu mal olhei para eles
eles nem me viram
julgam que com as pessoas de quem
eu estou sempre a falar me aconteceu
muito mais do que com esses peixes brancos?
realmente aconteceu (os peixes brancos ainda não
me feriram) mas elas devem ter-se
apercebido tanto disso como esses peixes brancos
a minha vida está cheia de
importantíssimos peixes brancos
(não são para mim, são para o meu gato)

Depois de lamber cuidadosamente
as minhas feridas mudei
o lugar às minhas jóias
estavam num cartucho
de papel pardo dentro de uma gavetinha
despejei-o em cima do tampo da minha secretária
toquei nas jóias uma por uma:
um par de brincos que não ponho
porque não tenho as orelhas furadas
três alfinetes: um galgo de vermeil
com uma coleira de rubis
um lagarto de Toledo
um filete com um amor-perfeito
duas pulseiras com o fecho estragado
também os alfinetes não têm conserto
os anéis são dois
um tem uma pedra amarela
o outro é mais complicado
estão-me os dois largos
o resto é um coração
que se abre com a unha
mas hoje não tenho unhas
cortei-as com uma tesourinha de bordar
mudei tudo para uma caixinha de madeira
com um falcão peregrino na tampa
e folhas de acanto
e mudei a caixinha para ao pé de mim
o que é que eu posso fazer mais?
tratar do piolho verde das minhas roseiras
chamar-me Maria Bárbara
escrever uma novela gótica
viver de pão e laranjas
cantar uma canção que acaba com os versos
Liebst du um Liebe, o ja — mich liebe!
pedir um favor ao príncipe Teodósio

Os poemas que escrevo
são moinhos
que andam ao contrário
as águas que moem
os moinhos
que andam ao contrário
são as águas passadas

AS ROSAS COM BOLORES

Tenho sempre perto de mim
geralmente na minha mesa de cabeceira
um ramo de rosas
todas as manhãs a primeira coisa
que faço quando acordo
é observar atentamente as rosas
a ver se algum bolor poisou
na pele das rosas
quando isto acontece
é muito raro
mas eu gosto de coisas preciosas
e sou paciente
deixo de dormir
para observar o crescimento
desigual e lento do bolor
a pouco e pouco o bolor
vai cobrindo a pele da rosa
ou antes
alimentando-se da pele da rosa
adquire o feitio da rosa
mas a pele da rosa
não está por baixo do bolor
desapareceu
é preciso estar sempre atenta
porque no instante em que
o bolor não pode alastrar mais
a não ser alastrando-se sobre
si próprio
e alimentando-se de si próprio
ou seja suicidando-se
naquele acto de infinito amor